

BOSSAGLIA, Giulia. Descrição, comparação e tipologia de línguas: uma entrevista com Giulia Bossaglia. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

## **Descrição, comparação e tipologia de línguas: uma entrevista com Giulia Bossaglia**

**Giulia Bossaglia<sup>1</sup>**

**ReVEL - Em sua formação, realizada na Itália, parece ter havido certa ênfase nas línguas clássicas e na linguística sincrônica e diacrônica. Além disso, você é reconhecida pelo seu interesse nos estudos comparativos sincrônicos e diacrônicos, na tipologia e no contato linguístico. Você pode nos contar um pouco sobre o seu percurso com a linguística comparada e a tipologia?**

**GIULIA BOSSAGLIA** - Reconheço que o interesse linguístico se manifestou muito cedo em mim: no final do ensino fundamental, a aula de gramática era uma das minhas favoritas (também graças a ótimas professoras), e com 12 anos comecei a estudar como autodidata o português, língua pela qual desde cedo senti uma forte conexão.

Minha formação nas línguas clássicas também vem de antes da faculdade, porque no ensino médio (que corresponde às 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries mais os 3 anos de ensino médio do Brasil) estudei as línguas grega e latina. Para mim, estudar essas línguas e literaturas na faculdade foi quase uma continuação natural, mas lembro ter cogitado também estudar mandarim e japonês (estava apaixonada por literatura japonesa clássica, na época).

Acabei optando por estudar línguas e literaturas clássicas na Universidade de Pisa, berço de um dos mais prestigiosos e antigos departamentos de literaturas clássicas e de linguística histórica na Itália. Foi então que descobri não só que existia outra grande língua indo-europeia clássica, o sânscrito (que parecia bem “exótica” pelo nome, pelo alfabeto e por ser da Índia, mas que na verdade era muito, muito parecida com o grego antigo), mas também tive contato com muitas outras línguas indo-europeias (célticas, germânicas, eslavas, bálticas, iranianas) e não indo-europeias

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

(afro-asiáticas e dravídicas). Eu acredito que minha formação muito “tradicional” em linguística histórica e o contato com tanta diversidade linguística nos anos da graduação e do mestrado foram os fatores que mais impulsionaram meu interesse pelos estudos comparativos tanto diacrônicos como sincrônicos.

Sinto que ao longo da minha formação como linguista pude me dar o luxo de explorar tópicos e também línguas muito diferentes: fiz monografia sobre a evolução diacrônica do acusativo “à grega” desde Homero ao grego helenístico; estudei as formas não canônicas de acusativo em tâmil contemporâneo (língua dravídica) em minha dissertação; dediquei o doutorado ao português europeu, língua que até então havia cultivado de maneira informal apenas, analisando a diacronia e a sincronia do infinitivo flexionado.

Com minha vinda ao Brasil, tenho me focado principalmente no português. Depois de alguns anos trabalhando com o português brasileiro, venho me dedicando a estudar outras variedades que se formaram pelo e coexistem em contato com outras línguas tipologicamente e/ou filogeneticamente distintas, na África e na Ásia. Assim, acredito que poderei conciliar o estudo do português com meu interesse pela diversidade linguística e, em geral, pela perspectiva comparativa, em chave tanto sincrônica como diacrônica.

**ReVEL - Parece-nos que, nos cursos de Letras no Brasil, quando a linguística histórica e/ou a gramática comparada são ensinadas, elas geralmente se restringem aos séculos XIX e XX. Como você enxerga os estudos sobre linguística comparada e tipologia no país? Poderia nos dar um panorama desses estudos no Brasil hoje? Que lugar esses estudos ocupam no contexto nacional atualmente e qual é o futuro do campo?**

**GIULIA BOSSAGLIA** - Eu não vejo essa restrição aos séculos XIX e XX como algo totalmente negativo, porque é um fato que foi nesses dois séculos que surgiram e se desenvolveram ideias e métodos que levaram à formação das principais disciplinas comparativas (vou me limitar aqui à linguística histórica e à tipologia), então acredito que conhecer a história das disciplinas e dos contextos em que se formaram é um ponto de partida importante, até para compreender os limites que elas tiveram e/ou têm.

Dito isso, o Brasil por si é caracterizado por uma riqueza linguística (tanto em línguas vivas como extintas) que o torna um lugar ideal para os estudos de natureza

comparativa: tem línguas indígenas, línguas de contato (as “línguas gerais”), línguas de imigração que, às vezes, se tornaram línguas de herança, línguas de sinais, tem variedades vernáculas do português com características que pareceriam denunciar o contato com línguas africanas em sua formação (o fato de existirem posições divergentes sobre a influência do contato linguístico na caracterização do português brasileiro só reforça o desafiador e interessante que o tema é), tem línguas quilombolas, e até o pajubá, que ganhou destaque na prova de redação de um recente ENEM... A diversidade linguística brasileira se articula tanto no eixo filogenético, com uma riqueza de famílias e troncos linguísticos, como no tipológico, abrigando em seu território idiomas estruturalmente muito diferentes entre si. E essa riqueza linguística com certeza não está sendo desperdiçada pelos linguistas brasileiros – antes, acredito que esteja ganhando cada vez mais atenção nas pesquisas nacionais e cada vez mais visibilidade no panorama internacional.

O Brasil teve, na figura do Joaquim Mattoso Câmara, um exemplo perfeito da tensão entre a “tradição” (principalmente, os estudos estruturalistas europeus) e a renovação da pesquisa em solo brasileiro, com seu trabalho pioneiro em valorizar o patrimônio linguístico autóctono. Depois de quase um século, acredito que os estudos comparativos no Brasil não só se desenvolveram muito, como também a riqueza linguística do país e o interesse cada vez maior, a nível internacional, para línguas de famílias menos estudadas, continua alimentando tal desenvolvimento.

Vou dar um par de exemplos. Importantes instituições como a Funai, o Museu Nacional dos Povos Indígenas e o Museu Nacional no Rio, o Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém, a própria ABRALIN, assim como muitos ateneus (UNICAMP, USP, UFRJ, UNB, UFPA, UFPE, UFAL, UFBA, UFG, UFSC, entre outros que poderia citar), coordenam iniciativas e/ou abrigam importantes programas de pós-graduação e projetos de pesquisa voltados não só à análise, mas também à importantíssima tarefa da documentação linguística das línguas indígenas brasileiras, sem a qual nem a pesquisa histórica nem a tipológica poderiam se desenvolver plenamente.

Pela própria história do Brasil, as línguas africanas (sobretudo da família nigero-congolesa) também têm recebido e continuam recebendo atenção nas pesquisas, principalmente com foco na história da formação da variedade brasileira e de suas peculiaridades em oposição à europeia, mas também nos estudos sobre as variedades africanas do português e sobre crioulos de base portuguesa na África. É oportuno lembrar a enorme contribuição das pesquisas pioneiras de Yeda Pessoa de

Castro e do *GEAALC - Grupo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros de Línguas e Culturas* da UNEB, por ela fundado, e é interessante ver que vários outros grupos de pesquisa focados nessas línguas têm surgido e continuam ativos: em 2013 é fundado o *GELA - Grupo de Estudos em Línguas Africanas* na USP, dedicado ao estudo do quimbundo falado na região de Kwanza na Angola (<https://linguistica.fflch.usp.br/pesquisa/grupos/gela>) e mais recentemente complementado pelo *Projeto Libolo*, fruto da colaboração entre o *GELIC - Grupo de Estudo de Línguas em Contato* da USP (<https://gelic.fflch.usp.br/>) e a *Universidade de Macau* (<https://kalulo.com/index.php/projectolibolo>); o *Laboratório de Línguas Africanas* da UFMG (<http://www.letras.ufmg.br/laliafro/index.html>), voltado à documentação das línguas africanas de Moçambique; o *Núcleo de Estudos Luso-Africanos e Afro-Brasileiros* (<https://unilab.edu.br/neaab/>) e o *Grupo de Estudos em Línguas em Contato e Línguas Africanas* (<https://ppglic.ufba.br/pt-br/grupo-de-estudos-de-linguas-em-contato-e-linguas-africanas-gelcla-unilab>) da *Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)* são alguns exemplos da expansão que esses temas vêm recebendo no Brasil.

Ainda, dentre os estudos sobre variedades diatópicas do português, além das brasileiras e das africanas, as asiáticas começam a receber atenção, ainda que, por enquanto, menor (principalmente devido ao *status* menos estandardizado dessas variedades e à falta de documentação): além do português de Macau, destacam-se, em tempos mais recentes, estudos sobre a variedade ainda emergente em Timor-Leste, que adquiriu um papel mais relevante em e após o processo de independência deste país da Indonésia (em 2002). Eu mesma tenho orientado algumas pesquisas (em nível de graduação apenas, por ora) sobre o português falado em Goa, Macau e Timor-Leste, a partir de alguns poucos, mas interessantes, dados orais retirados do corpus *Português falado – variedades geográficas e sociais* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Os estudos sobre as variedades diatópicas do português constituem um campo em expansão e que já levou a contribuições importantes da linguística brasileira, muito porque a tradição de estudos sobre contato linguístico na formação das variedades do português brasileiro, ou de descrições comparativas entre variedades africanas, brasileiras e/ou europeias é já bastante ampla e consolidada – o qual não significa, atenção!, que esteja esgotada.

A crescente expansão da documentação linguística das línguas indígenas (com a fundamental, e crescente, formação e inclusão de pesquisadores e linguistas indígenas), e o desenvolvimento de estudos de linguística africana, linguística de contato, descrição e análise de variedades diatópicas do português, são prova de como, fortes da riqueza e diversidade linguística do Brasil, as pesquisas no país estão crescendo “para fora”, se inserindo no panorama internacional, lusófono e não, com cada vez mais visibilidade e autoridade – um fato para mim completamente positivo e promissor.

### **ReVEL - Como os estudos sobre as línguas e as relações entre elas contribuem para a linguística em geral?**

**GIULIA BOSSAGLIA** - As disciplinas que podemos incluir dentro do termo guarda-chuva “linguística comparada” (linguística histórico-comparada, tipologia, linguística de contato entre as principais) são todas voltadas à descrição e comparação das línguas em suas semelhanças e diferenças - é a partir disso que o linguista pode reconstruir a história e a composição das famílias linguísticas às quais pertencem as línguas, ou identificar tendências estruturais que as línguas naturais apresentam, formular hipóteses explicativas para elas, reconstruir os mecanismos que governam as mudanças linguísticas ao longo do tempo, para entender como as gramáticas das línguas naturais evoluem...ou seja, todas essas disciplinas têm como objetivo geral a identificação, a partir da observação e comparação das especificidades das línguas naturais, de princípios gerais da linguagem humana, tanto em uma perspectiva histórica/evolutiva, como sincrônica e descritiva. Por esta razão, gosto de reforçar que a expansão (qualitativa e quantitativa) da documentação linguística é um pressuposto crucial para os estudos comparatistas: quantas mais línguas naturais pudermos documentar, logo, estudar, mais elementos teremos para elaborar hipóteses, reconstruções e teorias linguísticas de uma maneira mais sólida e confiável.

### **ReVEL - Quais são as principais diferenças entre as pesquisas comparatistas que têm sido feitas no exterior em relação com as que têm sido feitas no Brasil? O que poderia ou deveria melhorar nessa área no Brasil?**

**GIULIA BOSSAGLIA** - A principal diferença, a meu ver, está na antiguidade dessas pesquisas no Brasil e no exterior – entendo aqui Europa e Estados Unidos, apenas, então minha resposta tem essa limitação. As disciplinas comparatistas (entre outras) nasceram e se desenvolveram como tais na Europa, e mais tarde nos EUA, então têm uma tradição mais longa nesses lugares, que de fato foram os berços de centros de pesquisa de grande prestígio e peso a nível internacional. A tradição brasileira é mais recente, e, sobretudo, assim como muitos outros países do Sul global, o Brasil careceu de visibilidade internacional durante muito tempo. Sinto que, também, o Brasil sofre de certa falta de recursos para que as pesquisas no país se possam desenvolver de maneira realmente satisfatória (este é um problema mais geral, claro, mas as disciplinas de humanas sofrem sempre mais que outras) – e mesmo assim, tem conseguido chegar a produções e projetos que nada têm a invejar a pesquisas do Norte global.

Por outro lado, a tradição linguística do Norte global vem mostrando cada vez mais o forte viés indo-eurocêntrico, tendo as línguas da família indo-europeia não apenas recebido muita mais atenção que línguas de outras famílias, mas também moldado desde muito antigamente categorias de análise linguística que se revelam cada vez mais inadequadas para dar conta da grande diversidade linguística mundial, e, logo, para a formulação de princípios da linguagem humana verdadeiramente “gerais” (e não próprios de certas famílias, apenas).

Por isso acredito que seja o caso de inverter a perspectiva da segunda parte da pergunta: o Brasil, forte de sua riqueza linguística, tem a oportunidade de contribuir muito para o panorama internacional de estudos comparatistas, seja através da documentação ou descrição de línguas indígenas, africanas, de variedades de português em situações de contato, seja através de estudos de natureza histórica ou tipológica. A contribuição do Brasil adquire um papel importante para que cada vez mais possa ser ultrapassado esse viés que a tradição teve e ainda tem, frequentemente, no Norte global. Ainda, o Brasil já tem uma visibilidade maior no panorama dos estudos comparatistas internacionais, e já existem muitas parcerias com centros de pesquisa pelo mundo afora – inclusive, muitas parcerias com outros países emergentes no Sul global também, algo extremamente promissor nessa tarefa de dar os devidos realce e atenção a outras línguas e tradições linguísticas.

O potencial é grande, resta ver quanto apoio econômico poderá se conseguir, a meu ver.

**ReVEL - Costumamos finalizar as entrevistas da ReVEL solicitando sugestões bibliográficas aos nossos entrevistados. Você poderia indicar para nossos leitores alguns textos pioneiros e atuais sobre linguística comparada e tipologia?**

**GIULIA BOSSAGLIA** - Deixo aqui algumas sugestões para leitores iniciantes nos estudos linguísticos e para leitores mais avançados (ou iniciantes, mas com conhecimento da língua inglesa), tanto sobre linguística histórico-comparada e tipologia, como sobre línguas indígenas, línguas africanas e contato linguístico, complementando as observações que fiz ao longo da entrevista sobre o panorama dos estudos comparatistas no Brasil e suas possíveis expansões.

Bossaglia, G. *Linguística comparada e tipologia*. São Paulo: Parábola Editorial. 2019. [manual introdutório para iniciantes]

Bossaglia, G. Linguística comparada. In: Othero, G. A.; Flores, V. N. (Eds.). *A linguística hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2024. [capítulo introdutório sobre estudos comparatistas em geral, sua história, temas, métodos]

Campbell, L. *Historical linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2013. [manual de linguística histórica, com exercícios e atividades]

Cardoso, H. (2016). 3. O português em contacto na Ásia e no Pacífico. In Martins, A. M.; Carrilho, E. (Eds.), *Manual de linguística portuguesa*, 68-97. Berlin/Boston: De Gruyter [capítulo introdutório sobre história dos contatos entre português e diferentes línguas em Ásia, características das línguas de contato de base portuguesa e das variedades asiáticas do português]

Couto, H. H. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora UNB. 1996. [manual introdutório ao contato linguístico e às línguas de contato]

Cyrino, J. P. L. (2019). Tipologia linguística: métodos, generalizações e diacronia. *Macabéa. Revista Eletrônica do Netlli*, 8(2), (jul.-dez.), 306-322. [artigo que ilustra em detalhe a tipologia linguística e mostra suas contribuições para os estudos diacrônicos]

Franchetto, B.; Balykova, K. (Eds.). *Índio não fala só tupi: Uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras. 2021. [coletânea de 17 capítulos que apresentam cada um uma língua indígena brasileira, do ponto de vista linguístico (filogenético e/ou tipológico), mas também histórico e cultural]

Greenberg, J. H. (1963). Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: Greenberg, J. (Ed.) *Universals of language*, 2, 73-113. Cambridge: MIT Press. [ensaio fundador da tipologia linguística moderna; leitura avançada, mas que não poderia faltar]

Hagemeijer, T. (2016). 2. O português em contacto em África. In Martins, A. M.; Carrilho, E. (Eds.), *Manual de linguística portuguesa*, 43-67). Berlin/Boston: De Gruyter. [capítulo introdutório sobre a história do contato linguístico entre português e línguas africanas, características das línguas de contato de base portuguesa e das variedades africanas do português]

Janson, T. *História das línguas*. [tradução: Marcos Bagno] São Paulo: Parábola Editorial. 2015. [manual que introduz a vários aspectos da evolução das línguas]

Othero, G. A.; Flores, V. N. (Eds.) *O que sabemos sobre a linguagem. 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana*. São Paulo: Parábola. 2022. [coletânea de capítulos que respondem a vários interrogativos sobre a linguagem, dirigidos a leitores iniciantes. Com relação aos estudos comparatistas especificamente, recomendo: *Por que as línguas mudam?* (Carlos Alberto Faraco); *Por que as línguas são diferentes?* (Giulia Bossaglia); *É possível classificar as línguas?* (Thomas Finbow); *Quantas línguas são faladas hoje no mundo?* (Cléo Altenhofen); *Quantas línguas são faladas hoje no Brasil?* (Margarida Petter); *O português brasileiro é uma língua diferente do português europeu?* (Maria Eugenia Lammoglia Duarte)]

Petter, M. M. T. *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto. 2015. [texto de referência para os estudos sobre línguas africanas no Brasil]

Petter, M. M. T. (2018). Por que estudar línguas africanas no Brasil? *Revista Extraprensa*, 11(2), 197-210. [artigo que contextualiza os estudos sobre línguas africanas no Brasil]

Velupillai, V. (2012). *An introduction to linguistic typology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. [manual de tipologia linguística, níveis básico e intermediário, com exercícios e atividades]

Velupillai, V. (2015). *Pidgins, Creoles and Mixed Languages. An introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. [manual de introdução às línguas de contato, níveis básico e intermediário, com exercícios e atividades]

**Editoras e editores**

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

Qualis A2

ISSN 1678-8931

[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)